

Prefeitura elabora plano contra 'incidentes críticos' em escolas, e revela Cristiano Biggi

Da Redação

ENTREVISTA

Cidade adotará plano contra incidente crítico em escolas

A informação é do secretário de Segurança Pública de Campinas, Christiano Biggi Dias; protocolo de ação envolverá diversos órgãos municipais

O terno azul contrasta com a barba ruiva benfeita, que, à primeira vista, revelaria uma pessoa vaidosa. Minutos depois, o estereótipo é anulado pelo próprio personagem, um homem que não gosta de redes sociais, praticamente não tem hobby e não mantém filiação ou militância partidária. "Minha política é pública", define o secretário de Cooperação nos Assuntos de Segurança Pública de Campinas, o advogado Christiano Biggi Dias.

Uma das raras oportunidades para encontrá-lo fora do local de trabalho é no distrito de Joaquim Egídio, onde costuma pedalar. À frente de uma das maiores guardas municipais do país, ele prefere conferir credibilidade à corporação dando espaço aos que estão na ponta da linha: os agentes.

Na última semana, Biggi visitou o Correio Popular a convite do presidente-executivo do jornal, Italo Hamilton Barioni. Em entrevista, ele falou dos desafios da sua Pasta e adiantou com exclusividade que nos próximos dias a Prefeitura anunciará uma medida complementar às iniciativas já divulgadas para ampliar a segurança nas escolas municipais.

"Vai ser lançado um planejamento estratégico de incidente crítico em escolas. Serão diversas ações sistematizadas, envolvendo os diversos órgãos do município, para que a gente possa, se houver um incidente, saber como agir. O maior mote desse projeto é a questão da inteligência. É uma interação com a comunidade escolar para que ela detecte qualquer fato que desperte atenção, como um jovem que tem um comportamento mais quieto ou que sofra bullying. Vamos buscar os pais, por meio da escola, e monitorar as redes sociais para saber se ele pode ser um potencial agressor", detalha.

Qual sua trajetória?

Fui nasci aqui em Campinas mesmo. Foi fazer faculdade de Direito com o sonho de ser delegado de polícia e a vida me encaminhou para outro lado dentro da universidade. Conheci uma professora e fui para um lado oposto ao direito penal. Em 2013, fui para a Prefeitura a convite do prefeito Jonas Donizete, para ser, na época, diretor de gabinete. Passado o primeiro mandato, fui alçado a secretário-executivo do Gabinete do Prefeito. Foi quando comecei a fazer gestão pública e aí, em setembro de 2020, o Jonas me convidou para assumir a Segurança Pública. Eu aceitei, já tinha vontade, mas mantendo sempre a ética. Tinha um relacionamento muito grande com as forças de segurança e com a própria Guarda Municipal (GM), porque no Gabinete a gente mantinha algumas ações estratégicas, como conter invasões. Eu aceitei o desafio e, com a eleição do Dário, ele me convidou para permanecer na Secretaria de Segurança.

Sua graduação foi em qual instituição? Unip.

Como foi a infância? Escola?

Moréi basicamente a vida toda no Jardim Chapadão, me criei lá. Há pouco tempo me mudei, mas toda minha infância foi lá. O que me motivou a fazer Direito foi o meu avô, que também era advogado. Eu sempre gostei dessa temática de polícia. Era o que eu mais gostava e gosto até hoje.

Antes, o senhor teve alguma atuação política?

Não! Nada de político. Não tenho indicação partidária, filiação partidária, não tenho nada político. Até era um desafio essa questão política, mas hoje tenho uma visão muito clara de que a política que desenvolvemos é a pública. Política partidária, não, mas política pública a gente desenvolve muito.

Recentemente, as cidades iniciaram uma ação conjugada para combater o crime, que não enxerga divisas. Como o senhor vê essa cooperação?

Eu acho que, se tem uma característica que eu posso dizer que é minha, é a integração. Para que a gente vença essa questão e consiga regionalizar as coisas, como tem que ser mesmo, precisa esquecer a vaidade, que é o que mais verificamos. Isso interrompe todas as pontes que a gente tenta fazer. Hoje, há um movimento muito grande de integração das forças de segurança. Primeiro, pela falta de recursos humanos que todas enfrentam: Polícia Militar, Polícia Civil, Guarda Municipal. O efetivo nunca é o ideal. Se a gente não tiver essa sinergia entre as forças, sempre perderemos. O crime é organizado e a gente vai ficar brigando? Não tem lógica.

A Polícia Militar faz Reuniões de Análise de Estatísticas Criminal (RAC), a Guarda participa e a Polícia Civil também começou a participar. Através disso, a gente detecta em uma área qual o tipo de crime, a incidência, o horário que ele ocorre e, aí, a gente desenvolve uma ação em conjunto. Às vezes agimos juntos, às vezes separados. Para que não ocorra sobreposição, cada um faz em um dia da semana, em um horário. A gente complementa nossas ações. E o que eu acho mais importante nessa integração? A questão de inteligência, da troca de informação. Campinas tem sistemas muito robustos, que abastecem o Estado, que abastecem o governo federal e



Para o secretário de Segurança de Campinas, Christiano Biggi Dias, a principal premissa para o combate eficiente à criminalidade é a interação entre as forças policiais, medida que tem sido intensificada na região



O secretário Christiano Biggi Dias plano estratégico usará métodos de inteligência para prevenir e controlar possíveis incidentes críticos em escolas

que todo mundo faz uso dessas tecnologias. Então, a integração hoje é o caminho. É importantíssimo. Não pode ter vaidade, porque se cada um achar que é pai de algum projeto, de alguma ideia, a gente não consegue avançar nunca.

Quais os resultados práticos dessa integração?

Tem sido produtiva. As guardas hoje têm acesso a diversos sistemas que nem as polícias Civil e a Militar têm, como o Cortex (sistema de monitoramento que atua em tempo real com base em banco de dados). Ele é um grande big data do governo federal, com dados de veículos, pessoas, diversas informações que os municípios têm acesso. Os próprios sistemas de monitoramento veicular que os municípios têm ajudam a abastecer o Detecta, que é do governo do Estado. A própria Agência Metropolitana de Campinas (Agencamp) tem se movimentado bastante para que ocorra essa integração. Surgiu uma ideia, na última reunião, que despertou o interesse do presidente da Agencamp, Gustavo Reis, que também prefeito de Jaguariúna, que é a criação de uma agência metropolitana de inteligência. Que a gente possa agregar todos os órgãos, todas as informações dessas

20 cidades da região e compartilhá-las. Isso já ocorre, informalmente, mas queremos fazer um cinturão mesmo e ir trocando as informações. A ideia é de que a central seja aqui em Campinas. Cada um com sua informação, mas fazendo o compartilhamento.

Isso permitirá um tempo de resposta muito maior, não?

Muito! E não só na ocorrência, mas também na questão da prevenção, na diligência. Se você monitora um veículo e já sabe onde ele está andando, de onde ele é, a gente consegue inibir muita coisa.

Indaiatuba tem um sistema que monitora os veículos por toda a cidade...

Nós também temos. Hoje temos esse sistema, que é feito pela mesma empresa, inclusive. É um gerenciamento muito eficaz. A gente consegue muito sucesso nas ações.

Recentemente, os ataques e ameaças contra escolas consternaram a sociedade. Campinas deu uma resposta rápida, com a criação de um canal direto entre GM e escolas e de um programa de monitoramento na rede municipal. Como o senhor vê essas



O maior mote desse projeto é a questão da inteligência. É uma interação com a comunidade escolar para que ela detecte qualquer fato que desperte atenção, como um jovem que tem um comportamento mais quieto ou que sofra bullying. Vamos buscar os pais, por meio da escola, e monitorar as redes sociais para saber se ele pode ser um potencial agressor

ações?

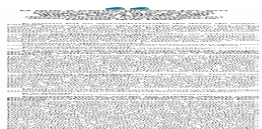
Vai ser lançado um planejamento estratégico de incidente crítico em escola. São diversas ações sistematizadas, envolvendo os diversos órgãos do município, para que a gente possa, se houver um incidente, saber como agir. Acho que hoje o principal desafio é o que fazer quando há um incidente crítico dentro de uma escola. Mas o que a gente quer é que não ocorra. Então, o maior mote desse projeto é a questão da inteligência. É uma interação com a comunidade escolar para que qualquer fato que desperte atenção, como um jovem que tem um comportamento mais quieto ou que sofra bullying, a escola possa buscar os pais, e também possamos monitorar redes sociais para saber se ele é um potencial agressor.

Deve ter um protocolo de ação?

Vamos criar isso com as escolas. Em que fase acionar, como acionar e como as forças de segurança devem se organizar para aquele tipo de incidente, tudo dentro da competência de cada órgão. A GM, a Polícia Civil, a Militar e eventualmente até a Polícia Federal. Tudo de forma organizada.

Como é a interdisciplinaridade nas ações com as outras secretarias? Por exemplo, questão da população de rua envolve Segurança Pública, mas também envolve Assistência Social.

Funciona perfeitamente. É um dos legados da pandemia. Nós havíamos criado um comitê de crise, do qual inclusive, fui coordenador à época. Isso conseguiu transmitir para as outras secretarias a importância de compreender as limitações, dificuldades de cada uma das pastas. A Segurança interagiu com todas as outras, não tem como não ser. Tivemos uma reunião recentemente para falar da parada LGBTQIA+: participaram Cultura, Assistência Social, Guarda, Emdec, Setec. Então, essa interação ocorre em diversos temas. Estamos sempre no meio.



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Página:** 4 e 5